

O caráter estratégico da educação teológica para uma denominação e para as igrejas¹

Estudo do caso batista brasileiro

Lourenço Stelio Rega² ©

É de aceitação ampla que a educação teológica tem um caráter estratégico para o crescimento denominacional e das igrejas. “A educação teológica, o ‘pivot’ de nosso crescimento, falando do ponto de vista humano, não poderia estacionar naquilo que foi no seu princípio no Brasil, nem mesmo no que foi há um ou dois decênios no passado.”³

“Os seminários não devem preocupar-se tanto com o número de estudantes, mas com a qualidade.”⁴ Se os seminários confessionais precisam de qualidade e não podem ter recursos próprios vindo de uma justa cobrança das taxas de ensino, espera-se que a denominação priorize o seu sustento, inclusive na formação e capacitação docente contínua provendo o necessário subsídio. A denominação exige professores capacitados, seminários estruturados, poucos alunos por sala de aula, para que a qualidade seja alcançada, mas o seu investimento na obra de educação teológica é reduzido.⁵ Este é um paradoxo para o qual ainda não se obteve solução no meio batista brasileiro.

No atual momento, a educação teológica no Brasil está entrando numa nova fase, onde a improvisação já não pode mais ser buscada. As exigências legais para a oficialização dos cursos e instituições teológicas perante o Ministério da Educação demandam sérias e custosas providências, seja para o provimento de um adequado espaço físico para toda a estrutura escolar, seja para a qualificação da biblioteca e do corpo docente, seja para o aperfeiçoamento de métodos e práticas gerenciais especializadas. A sobrevivência das instituições de ensino teológico no meio batista no Brasil dependerá da ampliação da visão e do seu reposicionamento na agenda de prioridades denominacionais.

¹ Trecho extraído e atualizado de REGA, Lourenço Stelio. *A educação teológica batista no Brasil: uma análise histórica de seu ideário na gênese e sua transformação no período de 1972 a 1984*. [Dissertação de Mestrado em Educação] São Paulo: PUC-P, 2001.

² Lourenço Stelio Rega é Bacharel em Teologia, Mestre em Teologia (especialização em Ética), pós-graduado em Análise de Sistemas, Extensão pedagógica em Ensino Superior, Licenciando em Filosofia, Mestre em Educação (especialização em História da Educação) e Doutorando em Ciências da Religião. Foi Deão da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, onde hoje é o seu Diretor Geral e professor de Ética, Bioética, Filosofia da Religião e Grego do NT. Ex-presidente da Associação Brasileira de Instituições de Ensino Teológico (ABIBET).

³ Silas Alves Falcão, “Diretrizes para a educação teológica no Brasil” in *Revista Teológica*, Rio de Janeiro: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Ano VII, n. 15, p. 66, janeiro de 1957.

⁴ Silas Alves Falcão, “Diretrizes para a educação ...”, op. cit., p. 69.

⁵ Há uma iniciativa da Convenção Batista do Estado de São Paulo, a primeira no meio batista brasileiro, em que se dedica mensalmente 1,5% da arrecadação do Plano Cooperativo para a formação pós-graduada de docentes dos seminários estaduais. Este plano já está em prática e professores da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e de Campinas já estão sendo preparados com essa ajuda financeira.

Sem precisar mencionar os recursos financeiros do exterior, que no passado afluíam para a manutenção dos seminários, é possível lembrar que, por muito tempo, a docência teológica mais especializada era composta em sua grande maioria por missionários estrangeiros, tornando-se isso financeiramente vantajoso para as instituições e para a denominação uma vez que absorviam a mão de obra voluntária e gratuita dos missionários e isso não onerava a vida financeira dos seminários. É só lembrar que foram raras as ocasiões em que os grandes seminários denominacionais no nível nacional estiveram livres de dificuldades financeiras. A prática indicou que nem sempre o missionário treinava e capacitava brasileiros para que houvesse gradual substituição de seu trabalho pela mão de obra nacional. Até um determinado momento, professores e alunos de destaque recebiam convites para realizar sua formação pós-graduada no exterior. No meio batista isso ocorreu com o envio de pessoas especialmente aos Estados Unidos. Nem sempre houve readaptação cultural no retorno do novo professor ao País. Eis aqui uma outra janela para estudos. Muitos acabaram voltando para o exterior, ou não conseguiram aqui sobreviver exclusivamente do ensino, como ocorria com os missionários que, em geral tinham o sustento integral apenas para ensinar. Em geral o sentimento era de frustração. Quando o missionário se aposentava, um outro vinha em seu lugar e o ciclo recomeçava. Ultimamente as agências missionárias deixaram de priorizar a educação teológica e o número de missionários estrangeiros nessa área no Brasil já se torna bem reduzido, bem como o seu sustento financeiro. Como nem sempre se investiu, seja em termos motivacionais, seja em termos financeiros, na formação pós-graduada em professores nativos, hoje um dos grandes dilemas é o reduzido quadro docente nacional com capacitação pós-graduada.⁶

Será preciso que a denominação batista estabeleça e assuma o mais urgente possível o papel e função estratégica que a educação teológica naturalmente possui para a manutenção de sua identidade e o aperfeiçoamento de sua missão.

Se, por exemplo, a denominação planeja ter 1000 novas igrejas daqui a um determinado tempo, será preciso considerar não apenas os investimentos e dedicação na obra evangelizante e missionária, precisamos rever o soteriocentrismo de nossa teologia e prática eclesial proveniente de uma visão salvacionista de nossa origem histórica no Brasil, que será matéria para um outro artigo. Muito mais do que isso, será preciso investir na formação teológica e ministerial dos futuros obreiros que serão os líderes dessas novas igrejas. Mas será preciso pensar não apenas em novos pastores, mas

⁶ Conforme informações concedidas por representantes de seminários batistas na XIV^a Conferência da ABIBET, em Fortaleza, CE, de 9 a 11/10/2000. *Ad Tempora*.

numa complexa malha de líderes que manterão as novas igrejas. Lois McKinney⁷ oferece uma tabela proporcional de obreiros necessários por pessoas lideradas. Por exemplo, para cada grupo de 10 pessoas, o ideal seria haver um líder local não remunerado. Pequenas congregações com cerca de 30 pessoas, também precisariam de dirigentes com um pouco mais de responsabilidade. E assim por diante.

A título de exemplo é possível considerar alguns dados referentes aos batistas do Estado de São Paulo.⁸ No manual do Mensageiro de 2000, da Convenção Batista do Estado de São Paulo, foi publicada uma tabela classificando as igrejas quanto ao número de membros:⁹

TIPOS DE IGREJAS	n.º de membros	1999 n.º de igrejas / %	projeção igrejas novas – 2009
Muito pequenas	de 5 a 50	190 – 20,1%	71
Pequenas	de 51 a 150	485 - 51,4%	181
Médias/ Pequenas	de 151 a 300	210 – 22,2%	78
Médias	de 301 a 700	42 - 4,4%	16
Médias/Grandes	de 701 a 1000	9 – 1,0%	4
Grandes	acima de 1001	8 - 0,9%	3
subtotais		944 – 100%	353 – 37,4%
Total projetado para 2009		1.297 igrejas	

Quadro 1 – Tipos de igrejas por quantidade de membros ano de 1999 e projeção para 2009 – Estado de São Paulo

Um outro fato que pode ser ainda considerado é que na última estatística (ano de 1.999), o Estado possuía 944 igrejas¹⁰ totalizando 139.849 membros nas igrejas batistas. Em 1989 havia 687 igrejas, com 93.082 membros. Em 10 anos isto representa um crescimento numérico de 37,4%, para as igrejas e 50,2% para o número de membros:

	1989	1999	% e quantidade	projetado – 2009
igrejas	687	944	37,4% - 353	1.297
membros	93.082	139.849	50,2% - 70.204	210.053

Quadro 2 – Projeção de crescimento – Batistas do Estado de São Paulo

⁷ McKinney, 1975, pgs. 84 a 86. A Dra. Lois McKinney é professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo

⁸ A título de exemplo foi tomado o Estado de São Paulo, pois os dados estatísticos são mais completos para fins deste estudo que os da Convenção Batista Brasileira.

⁹ Anais 92ª Assembléia da Convenção Batista do Estado de São Paulo (São Caetano do Sul, SP)., pgs. 106 e 113.

¹⁰ Sem contar as congregações ou frentes missionárias.

É claro que o crescimento de uma denominação não pode ser medido apenas em termos numéricos. Há um conjunto de fatores que se constituem em ingredientes numa lista de referenciais demonstrativos de crescimento. Por exemplo, espírito cooperativo, consciência de grupo, crescimento doutrinal, crescimento convivencial, crescimento em representatividade política ativa, crescimento no atendimento social das comunidades etc. Um dos fatores mais utilizados é o referencial numérico. A título de exemplo será utilizado apenas este fator, que é o de mais fácil mensuração e percepção.

Assim, se for considerado apenas o crescimento numérico dos batistas do Estado de São Paulo nesses últimos dez anos e for projetado o mesmo coeficiente para mais dez anos a partir da época da estatística, é possível prever quantos e quais tipos de obreiros serão necessários ao final do período (ano de 2.009). Veja a tabela a seguir construída a partir dos referenciais fornecidos por McKinney em conjugação com os dados estaduais:

Categorias de Líderes¹¹	Membros novos	Média líderes/membros	Crescimento 10 anos
Nível 1 – Líderes locais não remunerados	70.204	1:10	7.020
Nível 2 – Dirigentes de pequenas igrejas/congreg.	14.111	1:50 (20,1 %)	282
Nível 3 – Dirigentes de igrejas médias	36.085	1:150 (51,4 %)	241
Nível 4 – Dirigentes de igrejas médias/grandes	15.585	1:250 (22,2 %)	62
Nível 5 – Dirigentes de igrejas grandes	4.423	1:500 (6,3 %)	9
Nível 6 – Líderes associacionais ou regionais	-	1:3500	20
Nível 7 – Teólogos e instrutores	Alguns para todo o Estado		

Quadro 3 - Projeção de obreiros necessários

Em resumo, quando a denominação projetar o seu crescimento para daqui um certo tempo, será preciso conjugar aos esforços o preparo e a formação adequada dos obreiros na qualidade e quantidade suficiente para que as futuras igrejas não fiquem desguarnecidas de líderes e assim todos os esforços venham a se perder. Não somente a formação deverá contemplar a quantidade, mas também a especificidade ou especialidade. Por exemplo um líder do nível 1, necessariamente terá um treinamento diferente do que for destinado ao treinamento de um líder do nível 4. Além disso se o

¹¹ Segundo Mckinney, 1975, pgs. 84 a 86.

sistema educacional de um seminário contemplar apenas a formação de alunos do nível 4 a 7, a região ficará sem o suprimento adequado de líderes para os demais níveis, que formam a maior exigência. Assim, o ambiente também pode modelar a caracterização do sistema de ensino de um seminário.

Neste sentido constantemente está sendo feito um apelo à consciência denominacional¹² para que a obra educacional venha a ser contemplada com presença marcante na agenda das preocupações, planejamento global e investimento denominacional. Os seminários e os desafios da educação teológica não podem mais sobreviver sozinhos, seja em seu planejamento, seja em seu sustento.

O custo operacional necessário para se manter os seminários tem elevado as taxas de ensino num patamar que tem tornado proibitivo o acesso aos bancos escolares de jovens vocacionados desprovidos dos recursos financeiros necessários. Neste sentido pouco se está podendo fazer apenas utilizando os pequenos recursos financeiros de nossos seminários – não há superávit, não há mais bolsas oferecidas pelas agências missionárias estrangeiras e os doadores são em pequena quantidade.

Assim, é possível prever que se não houver pronta e imediata ação da denominação em enviar os recursos financeiros necessários e suplementares, o estudo teológico acabará por se tornar um privilégio apenas de uma elite que possui os recursos para cobrir as despesas de seus estudos.

Ter seminários eficientes e eficazes, com sustento suficiente para as pesquisas e treinamento adequado de obreiros, é uma das garantias para o futuro de uma denominação e das igrejas.

Fonte do documento:

Web-site da Faculdade Teológica Batista de São Paulo – www.teologica.br

¹² Veja Lourenço Stelio Rega, “A educação teológica e o futuro das igrejas” in *Jornal Batistas Paulistano*, outubro de 1998, p. 2.